

# **TEIXEIRA DE PASCOAES ALGUNS POEMAS**

**JOSÉ MARIA ALVES**  
[www.homeoesp.org](http://www.homeoesp.org)  
[www.josemariaalves.blogspot.com](http://www.josemariaalves.blogspot.com)

Teixeira de Pascoaes nasceu no ano de 1877 e desde muito cedo manifestou um grande amor à Natureza.

Licenciou-se em Direito, na Universidade de Coimbra e chegou a exercer o cargo de Juiz substituto na Comarca de Amarante.

No entanto, em 1913, abandona a carreira judicial e passa a residir no solar da família em São João do Gatão, perto de Amarante, dedicando-se à administração das propriedades, à escrita e à contemplação da Natureza e da "sua" amada Serra, a Serra do Marão.

Morreu em 1952, aos 75 anos de idade.

Viveu como eremita e amou a natureza quase de modo místico.

É um dos grandes poetas da língua portuguesa, a quem Mário Cesariny, seu amigo e organizador de uma antologia, julgou superior a Pessoa.

A sua obra é vasta e excelente, merecendo a atenção de todos nós.

Que estes poemas dispersos vos motivem a tal empresa.

**JOSÉ MARIA ALVES**

***FEVEREIRO DE 2010***

## **AO CREPÚSCULO**

Ó tristes lábios meus, rezai, rezai!  
É a hora, sim, do Enigma. Eis o momento  
Da extrema-unção da luz... E tudo vai  
Com ela. E só nos fica o pensamento!

Pela flor que murchou no esquecimento;  
Pela asa que se eleva e logo cai;  
Pelo sol, pelas nuvens, pelo vento,  
Ó tristes lábios meus, rezai, rezai!

Rezai por tudo quanto a morte leva,  
Nas horas doloridas, em que a treva  
Mostra seu negro vulto que arrepiá...

E sinto, em mim, um vago horror profundo,  
Uma tristeza já de fim do mundo,  
Como se nunca mais houvesse dia...

## **A SOMBRA DE EURÍDICE**

Canção divina as cousas comovia,  
E de ternura as árvores choravam...  
E lembrava o luar a luz do dia  
E os ribeiros, extáticos, paravam.

Era Orfeu, de inspirado, que descia  
Às entranhas da terra! E se afundavam  
Os seus olhos na noite, muda e fria,  
Onde as pálidas sombras vagueavam.

Eurídice, o seu morto e triste amor,  
Ouvindo-o, tomou forma e viva cor,  
Íntima luz à face lhe subiu...

Mas Orfeu, pobre amante enlouquecido,  
Quis ver aquele corpo estremecido...  
E, outra vez sombra, Eurídice fugiu...

## **À MINHA MUSA**

Senhora da manhã vitoriosa  
É também do crepúsculo vencido.  
Ó senhora da noite misteriosa,  
Por quem ando, nas trevas, confundindo.

Perfil de luz! Imagem religiosa!  
Ó dor e amor! Ó sol e luar dorido!  
Corpo, que é alma escrava e dolorosa,  
Alma, que é corpo livre e redimido.

Mulher perfeita em sonho e realidade.  
Aparição Divina da Saudade...  
Ó Eva, toda em flor deslumbrada!

Casamento da lágrima e do riso;  
O céu e a terra, o inferno e o paraíso,  
Beijo rezado e oração beijada.

## **IDÍLIO**

A luz do teu olhar,  
Funde meu corpo em sonho, em lágrima e luar!  
Teu divino sorriso  
É voz de anjo a mandar-me entrar no Paraíso...  
Teu sorriso que lembra a doce aurora,  
Minhas lágrimas tristes evapora  
E nos teus olhos fica a tua imagem bela...  
Assim o fresco orvalho matutino  
Onde encantado vive o sol menino,  
Deixa nas brancas rosas uma estrela...

Ao descobrir-te, flor,  
Todo me exalto e elevo em cânticos de amor,  
Perco-me na amplidão...  
Sou asa entontecida, aroma, comoção,  
Se me tocam, de leve,  
Os teus olhos de chama e as tuas mãos de neve!

Sou como gota de água,  
Que, sob o teu olhar, se esvai em clara mágoa;  
E em neve cristaliza,  
Quando a beija, no outono, um teu suspiro, - a brisa.

Todo o meu ser palpita,  
Chora, canta, dá luz, soluça e grita;  
É oração, queixume,  
Relâmpago, nevoeiro, onda do mar, perfume,  
Quando da tua face  
Alegre rosa nasce.

E de ti se desprende o encanto da manhã  
Que é a tua sombra mística e pagã;  
Quando teu corpo, flor, aos ventos estremece

E aureolado de beijos, resplandece  
E lembra o sol a arder.

Ó Primavera! Imagem de mulher!  
Deslumbra a noite, as nuvens incendeia  
E a morta lua cheia...  
Quebra as marmóreas tampas sepulcrais!  
Que regressem à vida os corpos espectrais.  
Liberta os arvoredos  
E as ondas abraçadas aos penedos!  
Faz chorar de ternura  
Os abutres no ninho, os leões na selva escura!  
As almas embriaga;  
Infiltra-te no mar, sensibiliza a fraga  
E ouvi-la-ás chorar!  
Embebe-te na luz e muda-a em doce olhar.  
Seja no Azul profundo  
Lágrima a tremular e a cintilar o mundo;  
Enternecida esfera,  
Toda ela a palpitar de amor e primavera.

Estrela, flor, mulher!  
Mulher, ave a cantar, aurora a resplender!  
Mulher, rio sonhando ao longo das campinas.  
Mulher, névoa tentando as asas matutinas.  
Mulher, árvore piedosa;  
Mulher, triste martírio, enamorada rosa!  
Mulher, onda do mar bailando com o vento.  
Mulher, brisa outonal, crepúsculo cinzento,  
Floresta que ao sol canta e ao luar murmura...  
Mulher, esperança, dor, amor, graça e candura.  
Mulher, fonte que chora e que deseja,  
Mulher, mulher, mulher, é a terra que o sol beija.

## **CANTOS INDECISOS V**

O Poeta é um doido errando sempre além,  
Que d' este mundo, em vida, se desterra...  
É o ser divino e pálido que tem  
Na alma toda a luz, no corpo toda a terra.



## **ABISMOS**

Por abismos sem fim, vou caminhando...  
E o mais profundo abismo é o alto céu.  
E que vertigens sempre sinto, quando  
Me inclino sobre a luz que amanheceu!

É um abismo a oração que vou rezando.  
É um mar sem fundo a flor que renasceu...  
Nas palavras que vou pronunciando,  
Cada ideia é tão alta como o céu!

Sobre abismos, caminho dia a dia...  
Das suas negras trevas se irradia  
Uma outra escuridão ainda maior...

Que a mim me diz, nas horas em que cismo,  
Que é um abismo junto d'outro abismo,  
Meu coração ao pé do seu amor!...

## **A UMA FONTE QUE SECOU**

Com teus brandos murmúrios embalaste  
Os minutos dos meus primeiros dias.  
E pelos teus gemidos os contaste;  
Eu era então feliz e tu sofrias.  
As minhas velhas árvores regaste,  
O meu jardim ao sol reverdecias...  
E quando as tuas lágrimas choraste,  
Como a dor que hoje sofro, entenderias!  
Mas, aí, tudo mudou! Seca estiagem  
Bebeu, a arder em febre, as tuas águas;  
Versos de água cantando a minha imagem.  
Raios de sol que as fontes evaporam,  
Levando para Deus as suas mágoas,  
Secai também os olhos dos que choram!

## **CANTOS INDECISOS XXXVIII**

Se num sonho voltasse  
Às terras do Passado;  
E o meu vulto infantil  
Acaso me empecesse,  
Ao ver-me um outro ar,  
Ao ver-me tão mudado,  
É natural, ó dor, que não me conhecesse...

Se eu conseguisse ver  
O que já fui um dia...  
Se a cinza do que fui,  
Tivesse outra vez vida,  
Numa saudosa voz  
De dor me faria,  
Mas numa língua, para mim, desconhecida.

E toda a ave chora  
O ninho que, uma vez, abandonou...  
Por quê? se às leis eternas obedece...  
Porque é triste uma fonte que secou?  
E o sol quando anoitece?

Se têm o mesmo rumo  
As almas caminhando,  
E seguem, nesta vida, a mesma estrada,  
Por que é que para trás  
Os olhos vão voltando,  
Já próximas da terra desejada?

Tudo o que é natural  
Não é um sofrimento.  
A noite não é negra  
E nem a morte é triste.

A noite é puro engano,  
A morte não existe  
E a dor é uma ilusão do nosso sentimento.

## **A ALMA**

A alma não é mais  
Que transcendente imagem  
De tudo quanto abrange  
A luz do nosso olhar.  
É o retrato perfeito  
E fiel duma paisagem:  
Tem uma serra ao fundo, e, depois dela, o mar.

## **FALA O POETA AO SEU AMOR**

Eu venho do Mistério e do Desconhecido...  
Por lá meu triste coração andou perdido,  
Nesse país que fica além dos horizontes,  
Da clara luz do sol, do murmúrio das fontes...  
Venho d´além do Luar, das nuvens e do Vento,  
Eu venho do Esplendor e do Deslumbramento...  
Venho de percorrer o coração das coisas,  
Espíritos sem nome, almas misteriosas.  
Venho de percorrer esses lugares virgens,  
Onde é um sonho de luz a alma das Origens...  
Eu venho dum jardim distante, aureoral,  
Onde cresce e floresce a árvore do Ideal.  
Nas suas veias corre o sangue dos Poetas  
E é alimentada pela cinza dos Profetas.  
Seus verdes ramos vem doirar a eterna luz  
E neles fez seu ninho a alma de Jesus...  
Trago-te, meu amor, dessa árvore sagrada  
Um farrapo ideal de sombra iluminada,  
Para que faças com ele um lenço sacrossanto  
Que, de tudo o que existe, enxugue o amargo pranto!...

## **AS ALMAS**

Vejo passar, na infinda solidão,  
Vultos de almas, figuras de emoção;  
Os poetas do silêncio que não cantam,  
Os doidos que, de súbito, se espantam,  
Os que gelam, ao ver o luar nascente,  
Os que fitam a mesma estrela eternamente;  
Os perdidos da sorte,  
Os que chamam, gritando, pela morte!  
Os que andam, sem saber, pelos caminhos,  
Os que de noite vão, sempre a falar sozinhos,  
Os que vivem casados com a dor  
E a esconde, ciumentos;  
Os trágicos do Amor,  
Os que sentem astrais deslumbramentos,  
Os que matam e cantam por destino:  
O salteador nocturno, o poeta que é divino.  
Os tristes vagabundos  
Em perpétua e fantástica viagem...  
Os que amam a paisagem  
E têm nos olhos a amplidão dos mundos...

Vultos de almas, figuras de emoção.  
Errantes, na infinita solidão.

## **CANÇÃO MEDROSA (excerto)**

Na Noite lívida, o Medo  
Vem bater à minha porta,  
Como um segredo  
Da Esfinge morta.

Anda a rondar nas estradas,  
Nas brancas encruzilhadas;  
Nos sombrios pinheirais,  
Onde ao vento  
Violento,  
Há mil sombras murmurando,  
Torvas de gestos, dançando  
Ermas danças espectrais!

E todo se exalta e alegre!  
Doido, ri na noite negra,  
E, doido, esvoaça,  
Quando cinge,  
N'um desejo mais aceso  
Que uma estrela,  
Alma sozinha que passa...  
E, de súbito, congela,  
Sob o peso  
Dos teus olhos, muda Esfinge!  
É que a sua formosura  
De brancura  
Tão intensa,  
Em frio mármore condensa  
Tudo quanto receber  
A influência desvairante.  
Fulminante  
Do seu vulto  
Que anda oculto  
Em negra máscara a arder!



O Medo paira nos rios,  
Pondo torvos nevoeiros  
E arrepios  
Entre os choupos e os salgueiros,  
Cheios de gestos parados,  
Congelados.  
Sobre as águas se debruça,  
E nos açudes soluça,  
Tão alto que a noite morta  
Ressuscita!  
E, toda aflita,  
Corre a paisagem absorta,  
Geme um lúgubre gemido...  
E mais lívida parece  
E mais escura,  
Quanto ao vento do Marão  
A nocturna solidão  
Mais emudece...  
E as folhas têm um ruído  
De secura.

Vento de febre e desgraça,  
Voando incerto,  
N'um queixume.  
É o fantasma do Deserto.  
Com asas negras de lume,  
Requeimando  
As folhagens viridentes  
E trementes  
Que se torcem, crepitando.

E ao ver nas águas do rio  
A sua imagem  
O Medo branco de medo  
É um espectro em desvario!  
Máscara doida correndo  
Pelos sombras da paisagem,  
Vivas de alma e de segredo,  
Estremecendo...

E a lua, ao vê-lo passar,  
Tem mais lívido palor  
Sobre o silêncio das coisas.  
Mudas fontes de terror  
Dir-se-á que vão gelar.  
Só as aves tenebrosas  
Soltam pios agoureiros  
Do alto de ermos pinheiros;  
Meus irmãos da solidão...  
E sofrendo, como eu,  
Remota dor espectral  
Que se espalha pelo val  
Em penumbras de emoção,  
E é a noite que vem do céu.

O Medo percorre a aldeia.  
Seus vestidos são luar;  
O seu rosto é lua cheia  
De memória.

Entre os ramos do arvoredado,  
Espreita o Medo,  
Quando a lua merencória  
Anda a espiar  
Os espectros acordados;  
Tenebrosos enviados  
Do Mistério...  
Imagens mortas de vidas,  
Errando nas avenidas  
D'um deserto cemitério.  
Onde as lágrimas das árvores  
Se ouvem cair sobre os mármore...  
E há sombras que se arrepiam,  
E os mochos lúgubres piam,  
Em alto e negro cipreste  
Gemebundo ao vento leste.

(...)

O medo à Morte a rezar!

Medo ao mistério profundo  
Que enche de trevas o mundo.

Medo ao silêncio infinito,  
Todo aflito,  
Imóvel, petrificado  
Em tão altas dimensões,  
Que a gente não pode vê-las!  
E é negro céu constelado  
De ais, de gritos e orações  
Que Deus converte em estrelas!

Cada alma tem seu medo...  
O seu segredo  
Que Deus lhe disse ao nascer,  
Para ela o não dizer...

É a palavra misteriosa  
Que faria eterna luz  
Na escuridão da Natura.  
Mas nem a disse Jesus,  
Nem Sibila fabulosa...  
E só baixinho murmurara  
Ou na lágrima primeira  
Ou derradeira...  
Di-la o primeiro vagido  
E o derradeiro gemido...

## **A UMA OVELHA**

Entre as meigas ovelhas pobrezinhas  
Que eu guardo pelos montes, uma existe  
Que anda longe, balindo, sempre triste  
E vive só das ervas mais sequinhas.  
Que presentes na alma? que adivinhas?  
Etérea voz de dor acaso ouviste?  
Que foi que tu nas nuvens descobriste?  
Não és irmã das outras ovelhinhas!  
Sobes às altas fragas inclinadas,  
E contempas o sol que desfalece  
E as primeiras estrelas acordadas...  
E assim ficas a olhar o céu profundo;  
Faminta dessa relva que enverdece  
Os outeiros e os vales do Outro Mundo.

## **CANÇÃO DO AMOR ENLOUQUECIDO**

Fechei os olhos... Fui... Adormeci...  
O mundo se desfez em nevoeiro  
Disse-te adeus! E nunca mais te vi!  
Foi o sono primeiro e o derradeiro...  
Morri... Morri... Morri...

Quem me cobre de rosas e de lírios?  
E quem me beija a fronte repousada,  
Tão amarela e fria, à luz dos círios?  
Que voz me fala assim toda molhada?  
É ele! É ele! É ele! – que eu morri...

E eis que os mouros vieram da Mourama,  
E de setas meus seios trespassaram!  
Noutra Alcácer-Quibir me trucidaram!  
Morri! Morri! Morri!

E quem minha lembrança guarda e ama?  
Quem a veste de lágrimas e beijos?  
Quem do mundo responde aos meus desejos?  
É ele! É ele! É ele! – que eu morri...

## **UMA AVE E O POETA**

### **I**

Sobre aquele pinheiro aureolado  
De inerte e vegetal melancolia,  
Um passarinho alegre e alvoroçado,  
Cantou, cantou durante todo o dia...

Estive a ouvi-lo mudo e extasiado...  
Mas, por fim, perguntei-lhe: Que alegria,  
Se fez em ti, ó corpo acostumado  
À cruz das tuas asas de agonia?

Dize: que viste tu, no céu profundo?  
Que foi que aconteceu sobre este mundo?  
Grande coisa de certo adivinhaste...

Ou revelou-te a Luz o seu mistério?  
E divina canção de amor etéreo,  
Em procura do sol, alevantaste?

### **II**

E a avezinha serena e confiada,  
N'um olhar de ternura me envolveu;  
E em sua doce voz iluminada  
E tão cheia de graça, respondeu:

Meu canto é luz do sol em mim filtrada;  
Vou a cantar... e canta a luz do céu.  
E das aves da noite a voz cerrada,  
É penumbra que n'elas se embebeu.

Sonho a perfeita e mística alegria!  
Desejo ser apenas harmonia;  
Canção de luz que todo o espaço inflama!

Ser a Esperança viva, a Eternidade;  
Não ser a estrela e ser a claridade;  
Ser apenas o Amor, não ser quem ama.

## O GÊNIO DO MEU LAR

Vejo uma Sombra escura  
Que, sempre que estou só, junto de mim, murmura.  
E fujo, e tenho medo...

E, se olho para trás, seu vulto de segredo  
Ergue-se no ar saudoso que entristece.

Onde quer que eu esteja, a Sombra me aparece;  
E beija o meu espírito encantado,  
Quase encarnado...  
És tu, sombra divina, essência do meu dia,  
O sol-recordação que me alumia;  
E vai o meu espectro desenhando,  
E apagando  
Meu corpo que se perde em solidão  
E se torna invisível coração.

E já mudado em poeira,  
Fria cinza da lareira  
Que o vento espalha, no ar,  
Ouve uma Voz cantar  
A perfeita canção, a reza inconcebida  
Que é a própria fonte original da Vida;  
A névoa do Princípio, a Sombra escura  
Que, sempre que estou só, junto de mim, murmura.



## **CANÇÃO LUARENTA**

Vem do Marão, alta serra,  
O luar da minha terra.

Ora vem a lua nova  
Que é um perfil  
De donzela falecida...  
Nas claras noites de Abril,  
Em névoa de alma surgida,  
Anda a errar.  
E a suspirar,  
Em volta da sua cova...

Ora, vem a lua cheia...  
Rosto enorme  
E luminoso,  
N´um sorriso misterioso,  
Por sobre a aldeia  
Que dorme...

Vem do Marão, alta serra,  
O luar da minha terra.

## **HORA FINAL**

Aí vem a noite... Sente-se crescer...  
E um silêncio de estrelas aparece.  
Quem é, quem é, meu Deus, que empalidece  
E se cobre de cinzas, no meu ser?  
Alma que se desprende numa prece...  
Que suave e divino entardecer!  
Como seria bom assim morrer...  
Morrer, como a paisagem desfalece,  
Morrer quase a sorrir, devagarinho.  
Ser ainda do mundo pobrezinho  
E já pairar, sonhando, além dos céus,  
Morrer, cair nos braços da ternura;  
Morrer, fugir, enfim, à morte escura,  
Seremos, enfim, na eterna paz de Deus!

## **CANÇÃO DUMA SOMBRA**

Ai, se não fosse a névoa da manhã  
E a velhinha janela onde me vou  
Debruçar para ouvir a voz das coisas,  
Eu não era o que sou.

Se não fosse esta fonte que chorava  
E como nós, cantava e que secou...  
E este sol que eu comungo, de joelhos,  
Eu não era o que sou.

Ai, se não fosse este luar que chama  
Os espectros à Vida, e se infiltrou,  
Como fluido mágico, em meu ser,  
Eu não era o que sou.

E se a estrela da tarde não brilhasse;  
E se não fosse o vento que embalou  
Meu coração e as nuvens nos seus braços,  
Eu não era o que sou.

Ai, se não fosse a noite misteriosa  
Que meus olhos de sombras povoou  
E de vozes sombrias meus ouvidos,  
Eu não era o que sou.

Sem esta terra funda e fundo rio  
Que ergue as asas e sobe em claro vôo;  
Sem estes ermos montes e arvoredos  
Eu não era o que sou.

## **A SOMBRA HUMANA**

Quando passeio ao longo dos caminhos,  
Batem asas de medo os passarinhos;  
Escondem-se os répteis no tojo em flor.  
Minha presença espalha um trágico pavor  
Nas pobres criaturas  
Que vivem neste mundo, assim como às escuras!

Avezinha fugindo ao ruído dos meus passos,  
Se o que eu sinto por ti, acaso, pressentisses,  
Tu virias fazer o ninho nos meus braços...  
Virias ter comigo, ó pedra, se me ouvisses!

## O POETA

### I

Ninguém contempla as coisas admirado.  
Dir-se-á que tudo é simples e vulgar...  
E se olho a terra, a flor, o céu doirado,  
Que infinda comoção me faz sonhar!

É tudo para mim extraordinário!  
Uma pedra é fantástica! Alto monte  
Terra viva, a sangrar, como um Calvário  
E branco espectro, ao luar, a triste fonte!

É tudo luz e voz! Tudo me fala!  
Cismo ante o fumo etéreo que se eleva,  
Quando a tardinha pálida se cala,  
Cheia de medo, pressentindo a treva...

Não posso abrir os olhos sem abrir  
Meu coração à dor e à alegria.  
Cada coisa nos sabe transmitir  
Uma estranha e quimérica harmonia!

É bem certo que tu, meu coração,  
Participas de toda a Natureza.  
Tens montanhas na tua solidão  
E crepúsculos negros de tristeza!

As coisas que me cercam silenciosas,  
São almas a chorar que me procuram.  
Quantas vagas palavras misteriosas  
Neste ar que aspiro, trémulas, murmuram!

Vozes de encanto vêm aos meus ouvidos,  
Beijam meus olhos sombras de mistério.  
Sinto que perco, às vezes, os sentidos  
E que vou a flutuar num rio aéreo...

Sinto-me sonho, aspiração, saudade...  
E lágrima voando e alada cruz!  
E tudo espaço azul, eternidade,  
Indefinida luz...

## II

Eu sou bendita esmola, ó pobrezinhos!  
Meu coração é fonte que se alegra...  
Vinde beber, ceguinhos;  
Matai a sede negra!

Meu corpo a terra e cinza se reduz.  
Comei, comei, famélicas raízes!  
Minh' alma é luz do sol. Ramos felizes,  
Bebei a sua luz!

Sobre o meu peito aflito,  
Pousai, cantando, ó aves que voais!  
Bebei meu sangue, estrelas do Infinito,  
Comei meu pão, famintos animais!

Sou velho tronco a arder, homens gelados!  
Ó trevas, vinde a mim: sou claro dia.  
Sou perdão: vinde a mim, ó condenados!  
Ó tristes, vinde a mim: sou a alegria!

Meu pranto é doce orvalho, murchas flores.  
Sou a luz do luar, ó noite escura!  
Sou bálsamo suave, ó negras dores!  
Ó pedras, vinde a mim! Sou a ternura!

Árvores, vinde a mim: sou primavera!  
E sou ninho de amor, aves do ar!

E sou antro de amor, ó bruta fera!  
E sou praia de amor, ondas do mar!

### **III**

O fogo que me abrasa,  
É fogo de paixão.  
Meu corpo tomba em cinza  
E pó que o vento leva...  
E alcança a vida eterna,  
Em mística ascensão,  
Tudo o que, em mim é dor, fragilidade e treva.

Vejo sob os meus pés,  
Estrelas a fulgir...  
Vejo mudar-se em luz  
A gélida penumbra.  
Esta carne que é pó  
Há-de outra vez florir.  
Uma visão de Deus todo o meu ser deslumbra.

Lá vai meu coração,  
Quimérico, a sonhar,  
Qual infindo murmúrio  
Ou hálito de dor  
Ou perfume de lírio  
Ou asa de luar,  
Para uma vida nova e para um novo amor.

## **VIDA ETERNA**

Nele adora somente o que não passa;  
O que é imortal, perfeito e no teu ser  
É fonte de orações, enlevo e graça.

Adora a sua Imagem a viver,  
Numa perpétua infância florescendo,  
Perpetuamente isenta de sofrer.

Dia a dia, nós vamos falecendo;  
Esta vida carnal é um arremedo  
Da vida; à luz da qual eu não entendo

Nem morte ou aparência ou dor ou medo...  
Teu Filho agora é luz, revelação;  
E tu, ó Mãe, crepúsculo e segredo!

Adora, sim, teu próprio coração  
Se desejas amar teu Filho. Reza  
E não chores, que a luz dum oração

Mostra-te bem melhor sua beleza,  
Seus verdes olhos de alma, a fronte e o rosto  
Que as lágrimas sombrias de tristeza.

Seja alegria eterna o teu desgosto  
Humano e transitório! Seja aurora  
De idílio o teu dramático sol-posto!

A alma ajoelha e reza, mas não chora.



## **ELEGIA DO AMOR**

### **I**

Lembras-te, meu amor,  
Das tardes outonais,  
Em que íamos os dois,  
Sozinhos, passear,  
Para fora do povo  
Alegre e dos casais,  
Onde só Deus pudesse  
Ouvir-nos conversar?  
Tu levavas, na mão,  
Um lírio enamorado,  
E davas-me o teu braço;  
E eu triste, meditava  
Na vida, em Deus, em ti...  
E, além, o sol doirado  
Morria, conhecendo  
A noite que deixava.  
Harmonias astrais  
Beijavam teus ouvidos;  
Um crepúsculo terno  
E doce diluía,  
Na sombra, o teu perfil  
E os montes doloridos...  
Erravam, pelo Azul,  
Canções do fim do dia.  
Canções que, de tão longe,  
O vento vagabundo  
Trazia, na memória...  
Assim o que partiu  
Em frágil caravela,

E andou por todo o mundo,  
Traz, no seu coração,  
A imagem do que viu...  
Olhavas para mim,  
Às vezes, distraída,  
Como quem olha o mar,  
À tarde, dos rochedos...  
E eu ficava a sonhar,  
Qual névoa adormecida,  
Quando o vento também  
Dorme nos arvoredos.  
Olhavas para mim...  
Meu corpo rude e bruto  
Vibrava, como a onda  
A alar-se em nevoeiro.  
Olhavas, descuidada  
E triste... Ainda hoje te escuto  
A música ideal  
Do teu olhar primeiro!  
Ouço bem a tua voz,  
Vejo melhor teu rosto  
No silêncio sem fim,  
Na escuridão completa!  
Ouço-te em minha dor,  
Ouço-te em meu desgosto  
E na minha esperança  
Eterna de poeta!  
O sol morria, ao longe;  
E a sombra da tristeza  
Velava, com amor,  
Nossas doridas fronteiras.  
Hora em que a flor medita  
E a pedra chora e reza,  
E desmaiam de mágoa  
As cristalinas fontes.  
Hora santa e perfeita,  
Em que íamos, sozinhos,  
Felizes, através  
Da aldeia muda e calma,  
Mãos dadas, a sonhar,  
Ao longo dos caminhos...

Tudo, em volta de nós,  
Tinha um aspecto de alma.  
Tudo era sentimento,  
Amor e piedade.  
A folha que tombava  
Era alma que subia...  
E, sob os nossos pés,  
A terra era saudade,  
A pedra comoção  
E o pó melancolia.  
Falavas duma estrela  
E deste bosque em flor;  
Dos ceguinhos sem pão,  
Dos pobres sem um manto.  
Em cada tua palavra,  
Havia etérea dor;  
Por isso, a tua voz  
Me impressionava tanto!  
E punha-me a cismar  
Que eras tão boa e pura,  
Que, muito em breve – sim! -,  
Te chamaria o céu!  
E soluçava, ao ver-te  
Alguma sombra escura,  
Na frente, que o luar  
Cobria, como um véu.  
A tua palidez  
Que medo me causava!  
Teu corpo fino  
E leve (oh meu desgosto!)  
Que eu tremia, ao sentir  
O vento que passava!  
Caía-me, na alma,  
A neve do teu rosto.  
Como eu ficava mudo  
E triste, sobre a terra!  
E uma vez, quando a noite  
Amortalhava a aldeia,  
Tu gritaste, de susto,  
Olhando para a serra:  
- Que incêndio! – E eu, a rir,

Disse-te: - É a lua cheia!...  
E sorriste também  
Do teu engano. A lua  
Ergueu a branca fronte,  
Acima dos pinhais,  
Tão ébria de esplendor,  
Tão casta e irmã da tua,  
Que eu beijei, sem querer,  
Seus raios virginais.  
E a lua, para nós,  
Os braços estendeu.  
Uniu-nos num abraço,  
Espiritual, profundo;  
E levou-nos assim,  
Com ela, até ao céu...  
Mas, ai, tu não voltaste  
E eu regresssei ao mundo.

## II

Um raio de luar,  
Entrando, de improviso  
No meu quarto sombrio,  
Onde medito, a sós,  
Deixa, a tremer, no ar,  
Um pálido sorriso,  
Um murmúrio de luz  
Que lembra a tua voz.  
O Outono, que derrama  
Ideal melancolia  
Nas almas sem amor,  
Nos troncos sem folhagem,  
Deixa vibrar, em mim,  
Saudosa melodia,  
Dolorida canção,  
Que lembra a tua imagem.  
A noite, que escurece  
Os vales e os outeiros,  
E que acende, num bosque,  
A voz do rouxinol

E a estrela que protege  
E guia os pegureiros;  
A lágrima do céu  
Ao ver morrer o sol,  
Acorda, no meu peito,  
Infinda e etérea dor,  
Que à memória me traz  
A luz do teu olhar.  
Tudo de ti me fala,  
Ó meu longínquo amor:  
As árvores, a névoa,  
Os rouxinóis e o mar.  
Se passo por um lírio,  
Às vezes, distraído,  
Chama por mim, dizendo:  
«Oh! Não te esqueças dela!»  
Diz-mo também, chorando  
O vento dolorido.  
Diz-mo a fonte, a cantar,  
Diz-mo, a brilhar, a estrela.  
E vejo, em toda a luz,  
Teus olhos a fulgir.  
Como adivinho, em tudo,  
A alma que perdi!  
Não encontro uma flor,  
Sem o teu nome ouvir.  
Não posso olhar o céu,  
Sem me lembrar de ti!  
Por isso, eu amo o pobre,  
O triste e a Natureza,  
A mãe da humana dor,  
Da dor de Deus a filha.  
Meu coração, ao pé  
Dum pobrezinho, reza;  
Canta, ao lado dum ninho,  
Ao pé da estrela, brilha.  
O meu amor por ti,  
Meu bem, minha saudade,  
Ampliou-se até Deus,  
Os astros alcançou.  
Beijo o rochedo e a flor,

A noite e a claridade.  
São estes, sobre o mundo,  
Os beijos que te dou.  
Hás-de senti-los, sim,  
Doce mulher de outrora.  
Ó roxo lírio de hoje,  
Ó nuvem actual!  
Como dantes teu rosto,  
A rosa ainda hoje cora;  
Beijo-te, sim, beijando  
A rosa virginal.  
Teu espectro divaga,  
Ao longo dos espaços.  
Teu amor, feito luz,  
Desce do Firmamento.  
Se abraço um verde tronco,  
Eu sinto, entre os meus braços,  
Teu corpo estremecer,  
Como uma flor, ao vento.  
Soluça a tua dor  
Nas infinitas mágoas,  
Que, no fumo da tarde,  
Eu vejo, além, subir.  
E paira a tua voz  
No marulhar das águas,  
No murmúrio que sai  
Das pétalas a abrir.  
Se os lábios vou molhar  
Nas ondas duma fonte,  
Queimam meu coração  
Tuas lágrimas salgadas.  
E, quando acaricia  
O vento a minha fronte  
Eu bem sinto, sobre ela,  
As tuas mãos sagradas.  
Quando a lua, no Outono,  
Envolta em luz funérea,  
Morta, vai a boiar  
Nas águas do Infinito,  
Doira meu frio rosto  
A palidez etérea,

Que dantes emanava  
O teu perfil bendito.  
Quando, em manhãs d´Abril,  
Acordo, de repente,  
E vejo, no meu quarto,  
O sol entrar, sorrindo,  
Julgo ver, ante mim,  
Teu corpo resplendente,  
Tua trança de luz,  
Teu gesto suave e lindo.  
Descubro-te, mulher,  
Na Natureza inteira,  
Porque entendo a floresta,  
A névoa, o céu doirado,  
A estrela a arder, no Azul,  
A lenha, na lareira  
E o lírio que, na cruz  
Do outono, está pregado.  
Falas comigo, sim,  
Da dor, do bem, de Deus.  
Repartes o meu pão,  
Amor, pelos ceguinhos.  
E pelas solidões  
Os pobres versos meus,  
Como os pobres que vão,  
A orar, pelos caminhos.  
És a minha ternura,  
A minha piedade,  
Pois tudo me comove!  
O zéfiro mais leve  
Acende, no meu peito,  
Infinda claridade;  
E a brancura do lírio  
Enche meu ser de neve.  
Todo eu fico a cismar  
Na louca voz do vento,  
Na atitude serena  
E estranha duma serra;  
No delírio do mar,  
Na paz do Firmamento  
E na nuvem, que estende

As asas, sobre a terra.  
Todo eu fico a cismar,  
Assim como que esquecido,  
Ante a flor virginal  
E o sol enamorado.  
Ante o luar que nasce,  
Ao longe, dolorido,  
Dando às cousas um ar  
Tão triste e macerado.  
Todo eu medito e cismo.  
Um vago e etéreo laço  
Prende-me ao teu imenso  
E livre coração,  
Que abrange o mundo inteiro  
E ocupa todo o espaço,  
E que vai povoar  
A minha solidão.  
Por isso, eu vivo sempre,  
Em doce companhia,  
Com o pobre que pede  
E a estrela que fulgura;  
E, assim, a minha alma,  
Igual à luz do dia  
Derrama-se, no céu,  
Em ondas de ternura.  
Sou como a chuva e o vento  
E a sombra duma cruz!  
Lira, que a mais suave  
Aragem faz vibrar.  
Água que, ao luar brando,  
Em nuvens se traduz;  
Fruto que amadurece,  
À luz dum claro olhar.  
Pedra que um beijo funde  
E místico vapor,  
Que um hálito condensa  
Em pura gota de água.  
Sou aroma que um ai  
Encarna em triste flor;  
Riso que muda em choro  
A mais pequena mágoa.



Vivo a vida infinita,  
Eterna, esplendorosa.  
Sou neblina, sou ave,  
Estrela, Azul sem fim,  
Só porque, um dia, tu,  
Mulher misteriosa,  
Por acaso, talvez,  
Olhaste para mim...

## **PIEIDADE**

Noite escura!  
Ó noite de amargura!  
Crianças abandonadas  
Andam à chuva e ao frio, esfarrapadas.  
Ninguém faz caso delas,  
Debaixo das estrelas!  
Vêm-se através dos seus vestidos,  
Lívidos corpos doloridos.  
Tenrinha carne de agonia,  
Como os peitos sangrentos de Maria!  
Que mãos elas estendem, tão magrinhas,  
Pedindo pão, pelas alminhas!  
E abrem uns grandes olhos pretos!  
E lembram pequeninos esqueletos.  
Mas só responde a noite que lhes diz:  
- «Sou como vós, crianças, infeliz».  
E cai a triste chuva,  
Lágrimas de órfã e de viúva...  
E o vento sopra a clamar,  
Que frio de gelar!  
E elas andam descalças, pelas ruas,  
Famintas, quase nuas.  
Que solidão! Ninguém se importa!  
Ninguém faz caso! Ó noite morta!  
Ó noite de amargura!  
Noite escura!

## **CANÇÃO FINAL**

Aí vem a noite velhinha,  
Erma sombra entrevadinha,  
Mal pode andar, de cansada...

Já o dia se avizinha...

E a noite, triste e sozinha,  
Tão pálida e fatigada,  
Da sua longa jornada,  
Deita-se e dorme.  
A alvorada  
É o sono bom da noitinha...

E a noite dorme quentinha,  
Na cama que lhe foi dada...

Dorme, dorme, sossegada,  
Noite de Deus, sombra minha,  
Que o teu sono é madrugada...

## **A UM HOMEM**

Tu que desceste enfim à negra vala,  
Sem que ouvisses um grito ou um lamento,  
A grande voz do mar que nos embala,  
A voz dos pinheirais e a voz do vento...

Tu que não viste a luz do Firmamento  
E nem soubeste, em êxtase, adorá-la;  
Tu que nunca tiveste o sentimento  
Do aroma triste que uma flor exala!...

Tu que não choras, vendo uma flor morta  
Ou um pobre que bate à tua porta,  
No redentor suspiro derradeiro,

Nunca foste, meu triste semelhante  
Nem por acaso, apenas por um instante,  
Durante a vida, um homem verdadeiro...

**JOSÉ MARIA ALVES**

[www.homeoesp.org](http://www.homeoesp.org)

[www.josemariaalves.blogspot.com](http://www.josemariaalves.blogspot.com)